

GÊNESE E MEMÓRIA DO ESTRUTURALISMO COMO PARADIGMA DE INTERPRETAÇÃO NO DISCURSO DAS CIÊNCIAS HUMANAS NO SÉCULO XX*

*Halysson F. Dias Santos ***

RESUMO

A proposta desse artigo é demonstrar de que maneira o estruturalismo, tanto nas relações que apresenta com o formalismo russo, quanto no que se refere às circunstâncias históricas em que se deu o surgimento deste último como um paradigma de interpretação que ganhou adeptos em diversos setores das Ciências Humanas no século XX, pode ser compreendido enquanto memória social do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Estruturalismo. Formalismo Russo. Hermenêutica. Lévi-Strauss. Memória.

Notas acerca do interesse pela memória nos últimos anos

O passado está felizmente morto e seus restos só interessam no presente como material para um trabalho de destruição de universalismos que descartam sua historicidade. Os mortos só interessam na crítica dos vivos e dos muito vivos. (HANSEN, 2001, p. 25).

Já há algum tempo, os estudos culturais, bem como diversas áreas das Ciências Humanas têm demonstrado grande interesse pela memória. Preocupação esta que tem sido alvo de diversas reflexões. Nesse sentido, este trabalho pode ser considerado como um esforço para tratar, enquanto memória, o modo como a relação entre o estruturalismo, corrente de pensamento que se institui a partir dos anos 1950, e o formalismo russo, das duas primeiras décadas do século XX, vem sendo encarada desde o advento daquele. Reconhecimento este que é tônica nos próprios escritos estruturalistas (TODOROV, 1979). Uma outra questão, que também diz respeito ao que podemos chamar de uma memória dessa corrente de pensamento, diz respeito ao momento de ruptura que se processou na primeira metade do século XX e que representou a gênese do que se denomina estruturalismo. Nomeação que, usada no singular, expressa a ideia de

* Trabalho apresentado em cumprimento às exigências da disciplina “Do Formalismo Russo ao Estruturalismo”, ministrada pela Profª Drª Marília Librandi Rocha no curso de especialização em Teoria e História Literária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

** Especialista em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrando em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB. E-mail: halyssondias@gmail.com

homogeneidade, que, embora bastante didática, está um pouco distante da configuração das diversas propostas que são consideradas sob essa rubrica.

Andreas Huyssen caracteriza o final do século XX como sendo marcado por aquilo que ele chama de “*boom* mnemônico”. As questões envolvidas nesse processo são complexas, implicando uma “crise daquela estrutura de temporalidade que marcou a era da modernidade” (HUYSSSEN, 1996, p. 16). Esse “*boom* mnemônico” seria um sinal dessa crise, cujos “sintomas” mais evidentes apontam para uma “atrofia” da consciência histórica. O autor chama a atenção para o fato de que o fenômeno mnemônico verificável na contemporaneidade nada tem a ver com o que Nietzsche denominou de “febre de consumir história”: “A polêmica de Nietzsche se dirigia à hipertrofia da consciência histórica na cultura pública do final do século XIX, enquanto nosso sintoma pareceria ser sua atrofia” (HUYSSSEN, 1996, p. 17). Huyssen sugere que uma “dificuldade da nossa conjuntura atual” é a de “pensar a memória e a amnésia juntas, em vez de simplesmente opô-las”. Sendo assim, a discussão sobre a memória é, em última instância, uma discussão sobre o tempo, ou, antes, sobre as visões e construções relacionadas à temporalidade. Nesse sentido, Huyssen (1996, p. 18) conclui:

Em comparação, as convulsões mnemônicas de nossa cultura parecem mais caóticas, fragmentárias e flutuantes. Elas não parecem ter um foco político ou territorial claro, mas sem dúvida expressam a necessidade cultural por uma “âncora temporal” de sociedades nas quais a relação entre passado, presente e futuro está sendo transformada no despertar da revolução informacional.

Para Huyssen, portanto, o interesse pela memória diz respeito a uma busca por essa “âncora” que serve para frear a extrema falta de estabilidade na conjuntura contemporânea. Se é evidente que a memória e o esquecimento são inseparáveis, sendo este um constituinte daquela, na proposta de análise do autor, a amnésia não se insere nessa habitual relação memória/esquecimento. Para Huyssen (1996),

nesta visão distópica de um futuro *high-tech*, a amnésia não mais parte da dialética entre memória e esquecimento. Ela seria seu “outro” radical, decretando o verdadeiro esquecimento da própria memória: nada para lembrar, nada para esquecer.

Essa reflexão pareceu-nos o melhor modo de dar início ao tema em discussão nesse texto.

Em um contexto acadêmico, no qual encontramos em oposição tantos pensamentos, questionamos se algumas posições que nos são passadas hoje como a última moda no campo dos estudos culturais bem como na teoria literária não estariam ligadas a pensamentos que já vimos desfilar ao longo do século XX, e que muitas vezes são considerados como algo extinto. Em matéria de história, seria preciso desconfiar profundamente da insistência em “enterrar mortos” negando a sua duração enquanto memória, na mesma medida em que é preciso desconfiar do interesse em fazer crer que o passado deva ser recuperado enquanto monumento. Talvez estejamos buscando aquilo que Huyssen denomina “âncora”, ao estudar a memória e, principalmente, uma memória de certos modos de interpretação e, mais particularmente, do modo estruturalista.

Eric Hobsbawm (1995) afirmou que o século XX foi um século que passou muito rápido devido a uma intensa movimentação nos campos político, econômico, artístico e, por que não dizer, epistemológico. É nesse sentido, que o próprio Hobsbawm o chamará de “era dos extremos”. Tudo foi muito rápido no século XX. Mal saiu de uma guerra que envolveu suas nações mais eminentes, entrou em outra pior, que atingiu proporções sem precedente na história dos conflitos. A “democracia proletária” foi um fenômeno do século XX. Crises, ascensões, quedas e guerras, rápidas. No campo dos saberes não foi diferente. As coisas se deram de um modo muito dinâmico. Logicamente, o final de um século traz indubitavelmente consigo alguns outros “fins”. Há alguns finais no começo de um século e a recíproca também é verdadeira: há alguns começos e recomeços nos finais de século.

Diante disso, se, para alguns, o estruturalismo e, mais ainda, o formalismo russo estão mortos e ultrapassados, para outros, estes permanecem ou devem permanecer em nossas reflexões. Entre o esquecimento e a lembrança, é preferível não ceder à tendência à amnésia que caracteriza a nossa época. Importa-nos, antes, lembrar a relação entre o estruturalismo e o formalismo, bem como algumas circunstâncias e nomes que marcaram o surgimento de um paradigma de interpretação que foi tão importante nas Ciências Humanas no século XX.

Nenhum outro movimento causou tanto frenesi e polêmica quanto o estruturalismo. Essa declaração parece forte, contudo a que se seguirá a ela parecerá mais ainda: o século XX pode ser considerado, por um motivo ou pelo outro, um século do estruturalismo. Não um século estruturalista, pois, se assim o declarássemos, estaríamos admitindo uma unanimidade e uma homogeneidade que não caracterizou nem o próprio movimento.

Como se sabe, o século passado trouxe consigo o surgimento de diversos movimentos de ruptura e de reenquadramento no campo das Ciências Humanas. Pensar na primeira metade do século é pensar, por exemplo, no que diz respeito à Linguística, nas formulações de Ferdinand de Saussure; à Teoria da Literatura, nos formalismos de Roman Jakobson, J. Tynianov, Tomachevsky, O. Brik, V. Chklovski, Jirmunski; ao *New Criticism* de Eliot, Pound, Wellek e Warren; à Estilística de Eric Auerbach, Ernst Curtius e Leo Spitzer; bem como nos trabalhos de Mikhail Bakhtin e Gaston Bachelard.¹ Já o estruturalismo nasceu no bojo da organização de uma disciplina, a etnologia. Muito embora, como veremos, alguns dos pressupostos que lhe caracterizaram estivessem presentes em Saussure, nos formalistas russos, bem como no Círculo Linguístico de Praga.

Do formalismo ao estruturalismo

Antes mesmo de desenvolver uma reflexão acerca das relações entre o estruturalismo e o formalismo russo, cabe fazer algumas considerações quanto a essas denominações que muitas vezes usamos, como disse Merquior (1997, p. 119) [ao falar do uso da palavra “Teoria” por Altusser], com maiúsculas supersticiosas. Como já foi dito, os pensamentos enquadrados sob essas rubricas nada têm de homogeneizadores. No que se refere ao formalismo russo, seus representantes divergem em relação a um ou vários pontos, e, muitas vezes, até se contradizem completamente. Importante lembrar que os teóricos “formalistas” foram assim denominados por seus adversários, enquanto no estruturalismo ocorre uma, se é que podemos dizer assim, autorrotulação. Seria, talvez, mais correto falar em *formalismos*, assim como em *estruturalismos*, contudo, também, não sem reservas. B. Eikenbaum procura evidenciar o convencionalismo que caracteriza o termo “formal”, e, ao fazê-lo, conseqüentemente, demonstra como a nomeação “formalismo” também o é. Como ele diz, “o nome de ‘método formal’, solidamente ligado a este movimento, deve ser compreendido como um chamado convencional, como um termo histórico, e não devemos tomá-lo como uma definição justa” (EIKHENBAUM, 1971, p. 5). Jakobson e Tynianov já faziam considerações desabonadoras a um formalismo que eles denominavam “escolástico”, crítica que será reiterada na época do Círculo de Praga:

¹ Poderíamos citar muitos outros nomes. Na estilística destacaram-se ainda os trabalhos de Damásio Alonso, Charles Bally, Vosler; outra escola, numa linha marxista, foi muito influente nos estudos sobre arte e cultura. Refiro-me à escola de Frankfurt, com Adorno, Benjamim, Habermas. Acerca das tendências voltadas ao estudo literário do século XX, cf., por exemplo, Costa Lima (1973, cap. II e III), bem como os dois volumes de **Teoria da Literatura em suas fontes** (2002); Jauss (1994, cap. de I a V); Bergez (1997); Tadié (1992).

Devemos nos separar do ecletismo acadêmico, do ‘formalismo’ escolástico que substitui a análise pela enumeração da terminologia e que nada faz senão erguer um catálogo de fenômenos; é necessário cessar de transformar a ciência literária e linguística, domada como uma ciência sistemática, em gêneros episódicos e anedóticos (TYNIAOV; JAKOBSON, 1971, p. 95).

Os formalistas russos gostavam de serem vistos como construtores de uma ciência autônoma da literatura (TYNIAOV; JAKOBSON, 1971, p. 95). Jirmunski (1971, p. 119) declarava que uma “ampliação do horizonte científico tendendo às questões formais” se delineara “nos últimos dez anos”; algo que Jakobson diz de outra maneira: “há pouco tempo, a história da arte, em particular a história da literatura, não era uma ciência, mas uma *causerie*” (JAKOBSON, 1971, p. 119).

Como foi dito, o formalismo não pode ser entendido como um direcionamento homogêneo em métodos e pontos de vista acerca da natureza de seu objeto, a literatura, como o quis fazer pensar Trotsky (1971, p. 3). É justamente por isso que Eikhenbaum deixa claro que “o chamado ‘método formal’ não resulta da constituição de um sistema ‘metodológico’ particular, mas dos esforços para a criação de uma ciência autônoma e concreta”. Não é sem motivo que ele abre o seu texto **Teoria do “Método Formal”** com uma epígrafe na qual cita A. P. de Candolle: “o pior na minha opinião é aquele que representa a ciência como obra pronta” (EIKENBAUM, 1971, p. 3). Esse texto de Eikhenbaum apresenta um relatório do que havia sido produzido até então sob a rubrica formalismo e chama a atenção para o fato de tratar-se de uma ciência em elaboração. Todorov (1979, p. 28) chega a dizer que “essa escola nunca elaborou uma teoria que pudesse ser admitida de modo geral”. No seu entender,

O grande mérito dos estudos formalistas é a profundidade e a finura de suas análises concretas, mas suas conclusões teóricas são muitas vezes mal fundadas e contraditórias. [...] os formalistas sempre tiveram consciência dessa lacuna, [não cessando de] repetir que sua doutrina está em constante elaboração.²

As propostas de Eikhenbaum, Jakobson, Tynianov, e dos demais formalistas podem, assim, ser compreendidas como uma busca pela construção de um método e da

² Nesse sentido, já em 1923, Jirmunski (1971, p. 57) declarava: “Sob a denominação geral e imprecisa de ‘método formal’ geralmente são reunidos os trabalhos mais diversos, dedicados às questões da língua poética e do estilo no amplo sentido da palavra, à poética histórica e teórica, isto é, pesquisas métricas, ‘orquestração’ e melódica, de história dos gêneros literários e estilos, etc.”.

constituição de uma ciência. Inclusive pode-se dizer, com Todorov (1979, p. 29), que a crise do formalismo “começa de fato antes de sua condenação oficial e se deve a fatores internos”.

O formalismo russo representou uma reação contra determinadas atitudes teóricas que marcavam o final do *Oitocentos* e o início do *Novocentos*, definindo-se contrário ao idealismo crítico e aos historicismos, bem como ao Simbolismo presente, por exemplo, nos postulados de Potebnia (CHKLOVSKI, 1971). A princípio, isso aproximará o formalismo da linguística de Saussure, devido à análise sincrônica. Posição que será revista tanto por Tynianov quanto por Jakobson. Contudo, eles também se contrapuseram a um outro fecundo movimento que se consolidava na Alemanha do entreguerras. A princípio, como nos lembra Costa Lima (1973, p. 157), o formalismo apresentava muitos pontos significativos de intersecção com a estilística. Um exemplo é o texto de Jirmunski (1971, p. 58) acerca do “método formal”, no qual faz referência à escola alemã. Surge então a questão: em que os formalistas russos se diferenciam da estilística? Como diz Costa Lima (1973, p. 157), na relação entre formalismo e estilística “se acusam tanto semelhanças, quanto diferenças”. Contudo, para ele, as semelhanças sobressaem, pois ambos representam uma reação ao que ele chama de “ecletismo historiográfico”, à “acumulação biográfica de dados”, às “formas deterministas de ensino da literatura” que vigoraram no século XIX.

A oposição em relação à estilística é o que aproximará os formalistas da linguística saussuriana. Se, aos olhos da estilística, “a fundação da linguística estrutural de Saussure” representava “uma hidra cujas cabeças Vosler, Spitzer e Dámaso Alonso se propuseram a cortar”, para os formalistas russos ela será “um ponto de partida, a que desenvolverão, a partir de seus nomes mais agudos”: seja na fonologia desenvolvida por Jakobson e Trubetzkoy, seja na “reformulação das relações entre diacronia e sincronia”, realizada por Jakobson e Tynianov, que será “logo incorporada às teses de 1929 do Círculo Linguístico de Praga. E é justamente dessa oposição à estilística que ‘nascem os pontos de contato’ entre o formalismo russo e o estruturalismo” (COSTA LIMA, 1973, p. 159).

Qual teria sido então a grande contribuição do método formalista para os estudos literários? Nas palavras de Jauss (1994, p. 18):

A teoria do método formalista alçou novamente a literatura à condição de um objeto autônomo de investigação, na medida em que desvinculou a obra literária de todas as condicionantes históricas e, á maneira da nova linguística estrutural, definindo em termos puramente

funcionais a sua realização específica como a soma de todos os procedimentos artísticos nela empregados.

O formalismo representou uma reação ao labor crítico que considerava a literatura sempre a partir de algo que lhe era exterior, preocupando-se com a biografia do autor, com o lugar onde a obra foi escrita, com uma mensagem que existiria por traz da obra literária, posição hermenêutica que já fora, como vimos, atacada por Nietzsche, contra a qual também o estruturalismo se oporá. Entretanto, como afirma Jauss, o formalismo não pode ser lembrado somente por conta dessa busca por autonomia no estudo literário, pois, segundo ele, “não se pode ignorar um outro feito da escola formalista”:

A historicidade da literatura, inicialmente negada reapareceu ao longo do método formalista, colocando-o diante de um problema que o obrigou a repensar os princípios da diacronia. O literário não é determinado apenas sincronicamente – pela posição entre as linguagem poética e prática –, mas o é também diacronicamente, por sua por sua posição aquilo que lhe é pré-determinado pelo gênero e a forma que o prossegue na série literária (JAUSS, 1994, p. 19).

É principalmente a Tynianov, no texto **Da Evolução Literária**, que caberá recuperar a historicidade a princípio desprezada pelos formalistas. Em 1926, juntos, Jakobson e Tynianov (1971), defendem a correlação (o sistema dos sistemas, como eles dizem) entre a série literária e as demais séries: “Não podemos resolver o problema concreto da escolha de uma direção ou ao menos de uma dominante, sem analisar a correlação da série literária com as outras séries sociais”. Essa posição, embora não negue a sincronia nem a necessidade de se considerar a literatura com autonomia, traz à tona a possibilidade de se pensar em uma consideração diacrônica que se consolidaria no Círculo Linguístico de Praga, na reformulação que Jakobson fará da teoria saussuriana (COSTA LIMA, 1973).

Ao analisar a relação que existe entre os postulados do formalismo russo e as teorias do estruturalismo, bem como o surgimento desse último como paradigma nas Ciências Humanas, não se quer sugerir que o estruturalismo seja uma evolução do pensamento formalista. A ligação entre ambos pode ser comprovada pela própria disposição, por parte de alguns estruturalistas, em atribuir aos formalistas o papel de colaboradores importantes, cuja contribuição foi bastante significativa. Um exemplo é o texto **A Herança Metodológica do Formalismo** (TODOROV, 1979). Nele, Todorov (1979, 27) deixa claro que o estruturalismo seria herdeiro de grande parte da metodologia do formalismo russo. “Eis por que é natural e necessário lembrar hoje, quando o interesse

estrutural da literatura renasce, as principais aquisições metodológicas devidas aos formalistas, e compará-las com as da linguística contemporânea”.

No entanto, importa ressaltar a advertência de Luiz Costa Lima, pois, embora admita que é possível estabelecer uma relação entre os dois movimentos, devido ao “papel do formalismo na vinculação/desvinculação da teoria da literatura com a problemática estética”, Costa Lima mostra como

a ponte lançada entre formalismo e estruturalismo peca ou por excessiva restrição ou por excessiva confluência. No primeiro caso, se inclui Jakobson, ao declarar que o “estruturalismo muito se apoia no formalismo, mas não deve conservar a parte de suas teses que não passaram de uma *doença infantil* desta nova tendência da ciência literária” [...] No caso inverso, apresenta-se Todorov que, em livros e numerosos artigos, não só enuncia, mas pratica um contraditório formalismo estruturalista. Assim passamos, com incrível ligeireza, das formulações formalistas às estruturalistas sem antes refletirmos sobre as diferenças entre as orientações (COSTA LIMA, 1973, p. 140-141).

Com isso, Luiz Costa Lima não pretende negar a relação que há entre os dois movimentos, mas tão somente mostrar que é preciso suspeitar das posições que consideram mais as homologias que as dissonâncias, bem como as que praticam o inverso. Na verdade, a consideração de ambos os aspectos é o que caracteriza uma análise mais equilibrada e sóbria.

O estruturalismo como paradigma de interpretação nas ciências humanas

Em linhas gerais é possível dizer que o estruturalismo pode ser encarado como um descontínuo em relação a todo um modo de conceber determinadas relações, fenômenos e conceitos, bem como em relação ao modo de ver o homem, a verdade, e, por conseguinte, os modos de interpretação. É possível dizer ainda que o estruturalismo se configura como um modo diferente de interpretar que terá sua primeira formulação no *Cours* de Saussure³ e

³ A grande contribuição do pensamento saussuriano é a definição do objeto da linguística, que então passa a ostentar o estatuto de ciência. No que se refere ao paradigma estruturalista, é em Saussure que encontraremos, pela primeira vez, alguns conceitos que, mais tarde, serão muito caros ao estruturalismo, isto para não dizer vitais. Dentre estes podemos citar: 1) A proposta de uma linguística sincrônica que se oporia ao diacronismo que caracterizava a atividade linguística até então; 2) a elaboração do conceito de língua enquanto sistema, no qual as relações predominam; 3) a dicotomia significado/significante pela qual se define o conceito de signo; 4) a sugestão de que dever-se-ia futuramente organizar uma ciência que compreenderia todos os sistemas de significação (a semiologia), “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”, funda-se, para Saussure, “essencialmente nos sistemas de signos arbitrários” (SAUSSURE, 1999, p. 82), algo almejado por Lévi-Strauss, e que seria conhecida como semiologia. “Profecia” que Roland Barthes fez questão de fazer cumprir.

sua “tomada de consciência”, enquanto paradigma de pensamento, nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga e, principalmente, na antropologia de Claude Lévi-Strauss (COSTA LIMA, 2002, p. 779). Ao Círculo Linguístico coube reformular e divulgar os postulados da linguística estrutural iniciada por Saussure. Somente no contato que Lévi-Strauss terá com a fonologia do Círculo de Praga que se pode reconhecer realmente a existência do estruturalismo como uma escola.

Para Lévi-Strauss o que interessa nos postulados da fonologia desenvolvida no Círculo Linguístico de Praga ou mesmo em Saussure é “a relacional unidade interna” de que seu objeto depende. Nesse sentido, Lévi-Strauss preferirá analisar o caráter sistêmico das variações e transformações, traço esse que representa um dos caracteres fundamentais de tudo que se entende como estrutural. Nas palavras de Merquior (1997, p. 60):

Ao invés de arrolar traços comuns sempre iguais e desinteressantes, a antropologia estrutural propôs-se procurar os mecanismos fascinantes de suas transformações. Uma busca da identidade pela descoberta das diferenças – eis o caminho que o estruturalismo abriu para a ciência do homem.

Como diz Lévi-Strauss (1973, p. 316), “para merecer o nome de estrutura, os modelos devem, exclusivamente, satisfazer a quatro condições”: 1) oferecer “um caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que uma modificação qualquer de um deles acarreta uma modificação de todos os outros.”⁴ 2) pertencer “a um grupo de transformações, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos. 3) “as propriedades indicadas acima permitem prever de que modo reagirá o modelo, em caso de modificação de um de seus elementos.” 4) “o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados”.

Para Lévi-Strauss, não impressiona “a descoberta de um novo objeto”, em si, mas “as condições que o presidem” (COSTA LIMA, 2002, p. 781). Segundo Costa Lima (2002, p. 780) “a fonologia ensina ao antropólogo que a lógica não é privilégio de uma sociedade ou de uma cultura, que assim se habilitará a traçar linhas de evolução que a fariam sentir-se tanto afastada quanto ‘preparada’ pelas sociedades ou culturas menos ‘lógicas’” (p. 780). A antropologia lévi-straussiana, portanto, teve “um lugar privilegiado” no processo de descentramento da cultura europeia, como diz Derrida (1995, p. 235).

⁴ Esse é um dos aspectos que demonstram a extrema relação que se estabeleceu entre a fonologia do Círculo Linguístico de Praga e a Antropologia de Claude Lévi-Strauss.

Podemos com efeito considerar que a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se deu um descentramento: no momento em que a cultura europeia – e por conseguinte a história da Metafísica e dos seus conceitos – foi *deslocada*, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como cultura de referência (DERRIDA, 1985, p. 234).

O princípio do estruturalismo, portanto, se confunde com a produção de Lévi-Strauss, iniciada com o ensaio *As estruturas elementares do parentesco* (1949), pois este desenvolveu, mediante o que absorveu do Circulo Linguístico de Praga, uma possibilidade analítica, bem com um rigor científico voltado à antropologia que representou a formulação mais bem acabada do conceito de estrutura. Como sintetiza Merquior (1997, p. 9): “Lévi-Strauss ainda é o mestre do estruturalismo clássico, Barthes é o seu apóstolo mais ilustre, e depois apóstata, na crítica literária, e Derrida lidera atualmente a revolta mais influente contra os principais pressupostos do estruturalismo clássico”.

Perspectivismo

Para empreender uma discussão acerca da memória do estruturalismo, enquanto paradigma de interpretação, faz-se necessário refletir brevemente acerca do que representou a interpretação para o século XX. Se nos valêssemos aqui da terminologia arqueológica (FOUCAULT, 1966), poder-se-ia dizer que a *epistémê* que caracterizou o século XX, a mesma que teria se delineado a partir de final do século XVIII como *epistémê* moderna, se constitui enquanto movimento em direção a uma hermenêutica e a uma semiologia.

Jacques Derrida (1995) encabeça o seu texto **A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas** com a seguinte epígrafe: “Existe maior dificuldade em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas”. É interessante perceber que esse fragmento de Montaigne talvez seja uma das passagens mais usadas e vigorosas de seus *Essais* (1580) e, não somente isso, talvez seja uma das passagens mais usadas no campo dos estudos epistemológicos do século XX. É possível reportar, ao menos, dois outros nomes significativos que, em textos fundamentais, se valem dessa frase para tratar das diversas alterações epistemológicas nos mais diversos campos: Foucault (1966, p. 56) e Bergey (1997, p. 9). É oportuno, ainda, lembrar do complemento dessa reflexão, no qual se diz que há mais livros que versam sobre outros livros do que livros que versem sobre outros assuntos. Como diz Montaigne (2000, p. 358) “nós não fazemos mais que nos

entreglosar”. Montaigne lembra, em um tom de advertência, que a interpretação não diminui a dificuldade em entender, antes a intensifica.

Por que essa passagem chama tanto a atenção e, principalmente, no que diz respeito ao campo da epistemologia, tem sido tão revisitada em muitas reflexões? Talvez seja possível responder a esse questionamento de duas maneiras: ao se falar em epistemologia está-se a falar de interpretação, a isso se soma o fato de que compreender, interpretar interpretações tem sido realmente a mais difícil das tarefas desde o final do século XIX e durante todo o século XX. A segunda resposta talvez diga respeito a uma suspeita de que só nos restaram as interpretações, pois há muito deixamos de versar sobre coisas, o que diria interpretá-las. Uma hermenêutica das interpretações é o que nos foi legado até aqui.

É importante frisar que o pensamento nietzschiano, um dos que primeiro se ocupa da crítica ao antigo modo de se fazer hermenêutica que vigorou até o final do século XIX, não representa a extinção da hermenêutica. Ele se caracteriza, antes, como a afirmação de um novo paradigma de interpretação. Como afirma Santos (1999), em seu **Modos de saber, modos de adoecer**, a interpretação, a partir de Nietzsche, não é mais vista como uma busca por “um significado prévio e anterior a presidir a realização dos sentidos”, mas, a partir “dessa semiologia executada por Freud e Nietzsche”, cujo signo é “o dado mais *positivo* com que ela lida”, “interpretar será perseguir os modos por que os signos se intercambiam, se alteram, se permitem ver em metamorfose” (SANTOS, 1999, p. 161). Aqui fica evidente a ideia de relação que, posteriormente, caracterizará o pensamento estruturalista.⁵ Para Nietzsche (1996, p. 17), “são nossas necessidades que interpretam o mundo”.

Roberto Corrêa dos Santos, no capítulo intitulado “Signos e Superfícies” do mesmo livro, apresenta alguns nomes próprios que, segundo ele, teriam sido os principais responsáveis por essa mudança. Seu texto trata basicamente da mudança no modo de interpretação que se processou por meio desses nomes próprios. Ou como ele mesmo diz, “trata-se enfim de assinalar alguns nomes relacionados ao trabalho de ruptura com os modos tradicionais de entendimento do signo e, conseqüentemente, da interpretação”

⁵ Nietzsche (1996, p. 16-17) já afirmava: “Contra o positivismo, que permanece no fenômeno: ‘só há fatos’, diria eu: não há fatos, apenas interpretações. Não podemos verificar nenhum fato ‘em si’: Talvez seja absurdo querer algo assim. ‘Tudo é subjetivo’, dizeis: porém já isto é *interpretações*. O ‘subjetivo’, não é nada de dado, porém uma ficção acrescida, oculta por detrás. – É fundamentalmente necessário colocar o intérprete atrás da interposição? Já isto é ficção, hipótese. Na medida em que, em geral, a palavra ‘conhecimento’ tem sentido, o mundo é cognoscível: porém ele é diversamente interpretável (*anders deutbar*), não tem nenhum sentido por trás de si, mas inumeráveis sentidos: Perspectivismo”.

(SANTOS, 1999, p. 155). Dentre estes, ele cita alguns nomes: Nietzsche e Freud e “seus leitores especiais e próximos”, Michel Foucault, Roland Barthes, Jacques Derrida e Gilles Deleuze. Alguns desses nomes são importantes para o tema que é desenvolvido neste trabalho, pois é nesse contexto, compreendido entre os escritos produzidos por essas “individualidades”, como diz Foucault, que surgirá o que passou a ser conhecido como estruturalismo, embora alguns desses “leitores especiais” de Nietzsche e Freud não assumissem a rubrica “estruturalista”.

Gilles Deleuze, em importante texto de 1973, nomeia *quem* é estruturalista:

Um linguista como R. Jakobson; um sociólogo como C. Lévi-Strauss; um psicanalista como J. Lacan; um filósofo que renova a epistemologia, como M. Foucault, um filósofo marxista que retoma o problema da interpretação do marxismo, como L. Althusser; um crítico literário como R. Barthes; escritores como aqueles do grupo *Tel Quel...* Alguns não recusam a palavra “estruturalismo”, e usam “estrutura”, “estrutural”. Outros preferem o termo saussuriano “sistema”. Pensadores muito diferentes, de gerações diferentes, alguns deles exerceram real influência em outros. Mas o mais importante é a extrema diversidade de domínios que exploram (DELEUZE, 1973, p. 299).

Derrida (1985, p. 232), por sua vez, preferiria não estabelecer a partir *de quem* o estruturalismo veio à tona. Preferiria não dar nomes. Isso porque, “para designar essa produção, seria de certo modo ingênuo referir um acontecimento, uma doutrina ou o nome de um autor. Esta produção pertence sem dúvida a uma totalidade de uma época, que é a nossa”. Essa é uma atitude que se refere ao próprio conceito de estrutura acerca do qual ele discorre. Mesmo assim os nomeia, ainda que seja, como ele próprio diz, “a título de exemplo”:

se quiséssemos, a título de exemplo, escolher alguns nomes próprio, e evocar os autores dos discursos nos quais esta produção se manteve mais próxima da sua formulação mais radical, seria sem dúvida necessário citar a crítica nietzschiana da metafísica, dos conceitos de ser e de verdade, substituídos pelos conceitos de jogo, de interpretação e de signo [de signo sem verdade presente]; a crítica freudiana da presença a si, isto é da consciência, do sujeito, da entidade de si, da proximidade ou da propriedade à si.⁶ E, mais radicalmente, a destruição heideggeriana da metafísica da ontoteologia da determinação do ser como presença (DERRIDA, 1995, p. 232).

⁶ Cf. Santos (1999, p. 160-161) e Foucault (2000, parte II).

Derrida propõe uma compreensão do estruturalismo como sendo um descentramento. Um acontecimento nas Ciências Humanas que têm como traços característicos a estrutura como sinônimo de uma ideia de sistema, tal qual propunha a linguística saussuriana e o formalismo russo, e de signo, que remete à ideia de sentido, relação, jogo, bem como de interpretação. Ele indaga: “Onde e como se produziu esse descentramento como pensamento da estruturalidade da estrutura?” (DERRIDA, 1995, p. 232). Para Derrida (1995, p. 248), “o acontecimento de ruptura, a disrupção a que aludia ao começar, ter-se-ia talvez produzido no momento em que a estruturalidade da estrutura deve ter começado a ser pensada, isto é, repetida, em todos os sentidos dessa palavra”.

O estruturalismo só poderá ser concebido após o surgimento dessa, digamos, inquietação, que dizia respeito à reflexão acerca da “estruturalidade da estrutura”, a qual tornou-se alvo de reflexões, oriundas dos mais diversos campos de estudo. Considerar a “estruturalidade da estrutura” implica pensar nas noções de jogo e de signo. A estrutura, o signo e o jogo são, portanto, os conceitos-chave do modelo interpretativo estruturalista. Pensar em uma hermenêutica estrutural sem pensar nesses conceitos é inconcebível. Logicamente, o modo como esses elementos são considerados apresentam nuances, contudo, estarão presentes tanto em Lévi-Strauss, quanto em Foucault, em Barthes, ou mesmo em uma linguística estrutural mais recente, como a do Círculo de Copenhague nos trabalhos de Hjelmslev. Não é sem razão que Derrida (1985, p. 229) intitula um dos seus principais textos acerca do estruturalismo, tomando como base esses três elementos constituintes do pensamento estrutural.⁷

Apropriações do estruturalismo: uma moda?

Em **Estruturalismo e crítica literária**, Costa Lima (2002) analisa o estruturalismo desde sua gênese e desenvolvimento nas Ciências Humanas até chegar ao campo da crítica literária. Esse é um texto importante não somente por tratar do estruturalismo sob uma perspectiva histórica, mas também por transmitir uma visão crítica acerca desse paradigma de interpretação, tanto no que se refere às contradições que caracterizaram o movimento na Europa, especificamente na França, quanto no que diz respeito aos possíveis reducionismos de sua aplicação posterior e sua presença no contexto da crítica literária brasileira.

⁷ Sobre o desenvolvimento da noção de estrutura ao longo da história cf. ECO (2003).

Costa Lima (2002, p. 784) destaca duas atitudes quanto à repercussão do estruturalismo: sua irradiação na Itália e na Península Ibérica, na América Latina e, mais tarde, nos Estados Unidos, e a resistência que encontrou na Alemanha, onde: “o papel do estruturalismo antes foi o de oferecer uma rama contra a qual H. R. Jauss, desde sua aula inaugural em Konstanz (1967), começou a criar a hoje conhecida estética da recepção”. Acerca da possível consideração do estruturalismo como um modismo intelectual (MERQUIOR, 1991, p. 13-14), Costa Lima prefere encarar o fenômeno da seguinte maneira: “assim como seria leviandade interpretar-se o êxito do estruturalismo na França e nos Estados Unidos como um simples modismo, tampouco se poderia interpretar a resistência alemã por simples questão de mera rivalidade nacional”.

Quanto às apropriações do estruturalismo no Brasil, o mesmo Costa Lima (2002, p. 785-786) sintetiza o dilema, ressaltando a ausência de reflexão filosófica entre nós e a decorrente mera aplicação de fórmulas em que se transformaram muitas das leituras então ditas “estruturalistas”.

Tratar do estruturalismo enquanto memória social, sem falar ao menos pontualmente da repercussão e dos consequentes problemas que a apropriação, muitas vezes irrefletida, de seus postulados, voltada apenas a uma aplicação como método analítico de textos literários, seria desconsiderar um dos elementos mais significativos nesse tipo de abordagem: a circulação das ideias e seus reenquadramentos, ocasionados justamente pelas formas em que se processa a recepção dessas ideias.

Muitos são os indícios que poderiam nos levar à consideração do estruturalismo como uma moda. Os métodos estruturalistas, ou, em certos casos, o que se entendeu enquanto análise estrutural, foram adotados para os mais diversos objetos como um paradigma de interpretação. De um momento para o outro, especialistas diversos estavam se autodeclarando estruturalistas. Jovens pesquisadores estavam começando suas carreiras sob este signo que, nesse momento, e, para eles, não representava tão somente uma rubrica historicamente situada, mas o modelo definitivo.

O estruturalismo se tornará o que o marxismo era para muitos e o que o multiculturalismo pode ter se tornado hoje: uma resposta que adquire o caráter de fórmula aplicativa, sem teorização de seus pressupostos. O grande problema da rubrica é justamente esse, tornar-se um modelo de aplicação dogmático. Foucault, por exemplo, preferiu fugir à rubrica “estruturalista”, talvez por saber que uma teoria que está debaixo de uma rubrica tem a tendência de cair no ostracismo mais facilmente que uma que procura fugir à rotulação. Ou, o que parece mais provável, por entender, que a complexidade e a

diversidade devem caracterizar a teoria e não a uniformização de posições. Desse modo, entendemos que a produção de conhecimento não pode assumir um papel puramente pragmático ou mesmo uma postura teleológica. Esta, para se manter viva, precisa ser provocante e aberta ao debate e à confrontação, bem como à produção do novo.

Sendo assim, para o objetivo deste texto, escrito como uma memória do estruturalismo, importa-nos destacar, ainda que um pouco extensa, a reflexão de Dosse (1993, p. 16) na introdução de seu livro:

Fragmento da nossa história intelectual, o movimento estruturalista inaugurou um período particularmente fecundo da investigação nos domínios das ciências humanas. História cuja reconstituição é complexa, pois os contornos da referência estruturalista são sobremaneira vagos, difusos. Para ter acesso às principais orientações do período, cumpre reconstituir a pluralidade das abordagens, das personalidades, sem reducionismo, sem deixar de procurar alguns núcleos coerentes que revelam a matriz de uma abordagem, para além da multiplicidade de seus objetos e das disciplinas em questão. Estratificar os níveis, diferenciar os estruturalismos por trás do rótulo ‘estruturalista’, trazer para a luz os compromissos essenciais, tanto teóricos quanto disciplinares, no campo intelectual. Reconstituir a riqueza de itinerários individuais que não se deixam reduzir a uma história massificante. Contingências de encontros fortuitos, mas essenciais, esta história oferece-se como um combinatório de conceitos e de carne. Envolve múltiplos fatores explicativos e não pode em nenhum caso, ser reduzida a um esquema monocasual.

Nesse sentido, há de se convir, que as muitas contribuições que devemos ao estruturalismo, levando-se em consideração tanto os prós como os contras na sua apropriação, não podem ser negadas, pois, para se pensar muitas relações e posturas atuais, é imprescindível considerar a importância de movimentos tais como os que aqui nos propomos estudar. Considerar, nesse caso, significa pensar as complexidades, as relações e as transformações, para usar uma terminologia da desconstrução, e, por que não dizer, do próprio estruturalismo. O próprio Foucault ressalta, em sua obra de 1966, a importância do estruturalismo na *epistémê* do século XX:

O que o pensamento moderno vai colocar fundamentalmente em questão é a relação do sentido com a forma da verdade e a forma do ser: no céu de nossa reflexão, reina um discurso – um discurso talvez inacessível – que seria a um tempo uma ontologia e uma semântica. O estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno (FOUCAULT, 2000, p. 287).

Cabe ressaltar ainda, que este texto não é, em hipótese alguma, como talvez possa parecer, uma apologia ao estruturalismo ou ao formalismo russo, tal qual um prosélito o faria com paixão e um profundo sentimento de convicção. A entrega irrestrita a modelos de análise, para o estudioso da literatura e nas Ciências Humanas, em todos os sentidos, representa um suicídio intelectual. Como últimas palavras, contudo, é preciso admitir que o estruturalismo e, por que não, o formalismo, realmente compreendidos naquilo que lhes é basilar e característico, não estão mortos, nem tão pouco, enterrados, como pensam e fazem questão de declarar alguns. E se estão, talvez eles estejam, como diz o poeta, vivos, nas veias de muita gente.

THE STRUCTURALISM EMERGENCE AND MEMORY LIKE AN INTERPRETATION'S PARADIGM IN THE HUMAN SCIENCE ON THE XX CENTURY.

ABSTRACT

This article analyses the relationships between Russian *Formalism* and *Structuralism*, and the historical conditions of the emergence of structuralism, like an interpretation's paradigm on the *Human Sciences*, can be comprehended as a social memory of the XX century.

KEYWORDS: Structuralism. Russian Formalism. Hermeneutics. Lévi-Strauss. Memory.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BERGEZ, D. et al. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHKLOVSKI, V. A arte como processo. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- COSTA LIMA, L. **Estruturalismo e teoria da literatura**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. Estruturalismo e crítica literária. In: _____. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2.
- DELEUZE, G. A quoi reconnaît-on le structuralisme? In: CHATELET, F. (Org.). **Le XXe. Siècle**. Paris: Hachette-Littérature, 1973. p. 299-335.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo – 1945-1966**. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v. 1.
- ECO, U. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

EIKENBAUM, B. A teoria do “método formal”. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Original: 1966.

HANSEN, J. A. Barroco, neobarroco e outras ruínas. **Teresa. Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo: Ed. 34, n. 2, p. 25, 2001.

HOBSBAWN, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUYSSSEN, A. **Memória do modernismo**. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 1996.

JAKOBSON, R. Do realismo artístico. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1994.

JIRMUNSKI, V. Sobre a questão do “método formal”. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

_____. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1976.

MERQUIOR, J. G. **De Praga a Paris**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **O véu e a máscara**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NIETZSCHE, F. Fragmentos póstumos (1855/1886). **Textos didáticos**, Campinas: Unicamp, n. 22, abr. 1996.

SANTOS, R. C. dos. **Modos de saber modos de adoecer: o corpo, a arte, a história, a vida, o exterior**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

TADIÉ, J-Y. **A crítica literária no século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TROTSKY, L. A Escola Formalista e o Marxismo. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

TYNIA NOV, J.; JAKOBSON, R. Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura:** formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1971.